

Vânia Bambilra, intérprete de Lênin

Carla Cecilia Campos Ferreira¹

Resumo: A mais sistemática leitora da obra completa de Lênin do continente latino-americano, Vânia Bambilra, apesar da densidade de sua obra, segue uma autora exilada na academia e entre a esquerda brasileira. Certamente esse prolongado exílio de mais de cinquenta anos é parte da nossa profunda crise, não somente intelectual, mas, também, de perspectiva social, que restringe a estreitos limites nosso horizonte de possibilidades históricas e teóricas.

Neste texto, que integra esforços mais gerais no sentido da preservação, resgate e reimpulso no Brasil, do programa de investigação levado por Bambilra e os demais expoentes da Teoria Marxista da Dependência – Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos, apresentaremos de forma suscinta a contribuição da Vânia como “intérprete” de Lênin no que se refere à teoria da transição ao socialismo, no marco deste centenário da Revolução Soviética.

Palavras-chave: Vânia Bambilra. Transição ao Socialismo. Teoria Leninista da Transição

Lenin by Vania Bambilra

Abstract: The most systematic reader of Lenin's complete work on the Latin American continent, Vania Bambilra, despite the density of her work, remain not only as an author exiled in the academy framework but even among the Brazilian left. Certainly this long exile of more than fifty years is part of our crisis, not only intellectual, but also of social perspective, which narrows our horizon of historical and theoretical possibilities into very short limits.

In this text, which integrates more general efforts in the sense of preservation, redemption and revival in Brazil, of the research program carried out by Bambilra and the exponents of the Marxist Theory of Dependence - Ruy Mauro Marini and Theotônio dos Santos, we will briefly present the contribution Of Vânia as Lenin's "interpreter" with regard to the theory of the transition to socialism, within the framework of this centenary of the Soviet Revolution.

Keywords: Vânia Bambilra. Transition to socialismo. Lenin Theory of Transition

¹Docente da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS-UFRJ). Doutora em História da América Latina Contemporânea pelo PPGHIST/UFRGS.

1. A industrialização dependente e o problema do poder

A obra de Vânia Bambirra pode ser articulada segundo um eixo central que traduz o mais significativo preceito leninista: realizar a análise concreta da realidade concreta para melhor transformá-la. Não é por acaso que um dos marcos iniciais de sua obra principal senta bases em uma investigação de fôlego sobre o processo de industrialização nas diferentes formações sociais latino-americanas: *O capitalismo dependente latino-americano* [1973] (Insular/IELA, 2012), desde finais do século XIX até o início dos anos 1970². A partir desse alicerce histórico, portanto, do conhecimento das especificidades do desenvolvimento capitalista no continente, como expressão na periferia da expansão do mercado mundial em sua fase imperialista, as reflexões da autora se orientem para sistematizar uma teoria da transição ao socialismo, fazendo aproximações sucessivas próprias do métodos do materialismo histórico.

Em primeiro lugar, no estudo sobre a industrialização latino-americana, Vânia depreendeu não somente o caráter dependente do desenvolvimento do capitalismo no continente, uma vez que a dependência encontra-se entranhada em sua estrutura produtiva, mas lançou seu olhar para a conformação das classes e do Estado. A tipologia que classificou as formações sociais segundo a maneira específica como se desenvolveu a indústria articuladamente à economia mundial apontou a existência de dois grupos de países (e de um terceiro que não experimentou processo industrial significativo). O primeiro, denominado de Tipo A, cuja industrialização iniciou um pouco antes do avanço mais decidido dos monopólios, observando a conformação de uma burguesia que esboçou um projeto nacional, expresso em geral na fórmula do populismo de Vargas Getúlio (Brasil), Juan Domingo Perón (Argentina), Lázaro Cárdenas (México) e por figuras emblemáticas como Jorge Eliécer Gaitán (Colômbia) e José Batlle y Ordoñez (Uruguai). O segundo grupo, chamado de tipo B, cuja industrialização, a partir do pós-II Guerra Mundial, se insinuou sob controle direto do capital estrangeiro.

Assim, *Pari passu* com a dependência econômica cavalga a dependência política e sua correspondente estrutura de classes. Vânia explica que as burguesias latino-americanas assumem a

²O obra de Vânia Bambirra resta em boa parte inédita em português. Apenas dois títulos *Cuba, 20 Anos de Cultura* e *A Teoria Marxista da Transição e a Prática Socialista* foram editados em nosso idioma e mesmo assim estão esgotados e são raros. Outra parte inédita está depositada nos *Arquivos de Vânia Bambirra* entregues pela família, em fideicomisso, à tutela e curadoria dos historiadores Carla Cecília Campos Ferreira e Mathias Seibel Luce. Atualmente, os *Arquivos Vânia Bambirra* passam por processo arquivístico de preservação, organização e disponibilização de seu conteúdo no portal <http://www.ufrgs.br/vaniabambirra> que disponibiliza a obra e os arquivos de Vânia Bambirra de forma aberta e gratuita e cuja responsabilidade de administração é do Núcleo de História Econômica da Dependência Latinoamericana (HEDLA/CNPq) que coordena o Conselho Curador do Memorial-Arquivo Vânia Bambirra.

condição de *classes dominantes-dominadas*, articuladas e funcionais à reprodução do capital em consonância com os interesses imperialistas — ainda que possam experimentar uma autonomia relativa, em especial em conjunturas de crise. A manutenção da estrutura agrária tradicional (resultado da situação de compromisso entre as oligarquias e burguesia industrial diante da dependência que o desenvolvimento da indústria deveu ao setor agrário) implica na conservação da grande propriedade latifundiária e em salários agrícolas excessivamente baixos simultaneamente à utilização de tecnologias produtivas. Em meio a esse processo, o camponês autônomo assiste a desagregação da pequena economia de subsistência enquanto o trabalhador rural se proletariza a partir de um desenvolvimento da indústria que busca compensar as limitações impostas por essa situação de compromisso com os seguintes procedimentos:

(1) intensificação do controle monopólico dos mercados existentes, que permite fixar os preços em níveis suficientemente altos para contra-arrestar o aumento dos custos de produção que advém da capacidade ociosa existente; (2) a contenção dos salários, que significa sumeter a classe operária a uma intensa exploração, compensando em parte a subutilização da capacidade produtiva instalada; (3) o aumento das exportações; (4) a utilização do recurso ao subsídio e ao financiamento estatal. (BAMBIRRA, 1973a, p 178)

Com o descrito no item “2”, Bamberira aponta um elemento histórico adicional para pensarmos as determinações internas de uma das formas da superexploração da força de trabalho³: o pagamento do salários abaixo do seu valor. A superexploração, vinculada às transferências internacionais de valor das economias dependentes para as centrais, encontra fundamento também como resultado da forma como se deu o processo de industrialização, marcado pela situação de compromisso com a oligarquia

³A superexploração do trabalho é a categoria articuladora da dependência, segundo a TMD. Seu núcleo conceitual consiste na prática da violação do fundo de vida ou do fundo de consumo da classe trabalhadora pelo capital. Trata-se de uma forma de exploração que expressa mais diretamente a face negativa da dialética do desenvolvimento do capitalista na esfera do mercado mundial, por arremete destrutivamente sobre as próprias condições de reprodução da força de trabalho. Em Ruy Mauro Marini, a superexploração aparece como uma lei própria do capitalismo dependente por observar uma regularidade estrutural, uma vez que cumpre a função de compensar as transferências de valor da economia dependente para as economias imperialistas centrais. Nos países centrais, a superexploração, embora possa ocorrer, essa ocorrência tenderia a ser esporádica, não se configurando como lei. Para além disso, a superexploração assume formas históricas determinadas: (1) salários pagos abaixo do seu valor histórico-moral; (2) prolongamento das jornadas diárias ou totais para além do normal (horas extras excessivas e/ou regulares por longos períodos da vida do/a trabalhador/a), quer dizer, um abuso da forma de exploração do trabalho baseado na mais-valia absoluta; (3) intensificação do trabalho para além do normal, provocando o adoecimento ou invalidez precoce dos/as trabalhadores/as. Mais recentemente, na fase da economia mundializada, novas formas de superexploração estão sendo estudadas, tais como a apropriação do fundo de consumo futuro da família trabalhadora via endividamento junto ao sistema financeiro. Iztván Mészáros, por sua vez, ao apontar para uma *tendência à equalização da taxa de exploração da força de trabalho* em escala mundial, como parte da ativação dos limites do capital em sua tese sobre a crise estrutural, enseja uma questão: estaria a superexploração se irradiando como prática regular também nas economias centrais como parte da crise estrutural? A resposta a esta questão não pode ser respondida *a priori*, mas deve ser confrontada com os elementos concretos ensejados pela realidade histórica. A nosso ver, a possibilidade de que a superexploração, nesta nova quadratura histórica, deixar de ser uma prática regular apenas na periferia do sistema mundial para se converter em uma lei geral do modo de produção capitalista na fase de sua decadência histórica não deve ser tratada como uma questão de princípio para a TMD. Mas é isso é sem dúvida um debate em aberto.

e a manutenção da grande propriedade fundiária, o que provoca impeditivos para a plena ocupação da capacidade instalada da indústria. Desta forma, o método de Vânia consiste em prescrutar a estrutura produtiva do país para responder a pergunta sobre as classes e, com isso, aproximar-se da problemática do poder e do Estado, mola fundamental para adentrar ao tema da transição. Afinal, quais as tendências da sociedade que podem ser captadas a fim de melhor pensar a estratégia revolucionária? Referindo-se ao Brasil dos anos 1960, ela anotava:

“(…) no Brasil, ainda que tenha se concretizado o modelo mais radical de repressão econômica e política contra as classes dominadas, devido às metas do desenvolvimento burguês, ali a burguesia tampouco foi capaz de superar completamente a contradição resultante da necessidade de que o Estado, mesmo sendo um órgão de sua dominação, tivesse que exercer certas funções de proteção aos interesses de outras classes. Isso porque, uma vez passado o momento mais agudo dos conflitos e definições — no qual o Estado cumpria cabalmente suas funções de instrumento de dominação —, colocavam-se novamente para estas tarefas sociais e econômicas necessárias para manter a estabilidade política e a continuidade do funcionamento do capitalismo dependente.

(…) Todas essas concessões, ainda que nos momentos de expansão geral do sistema não apresentem problemas, transformam-se, nas fases mais críticas — que são inevitáveis devido ao caráter cíclico do sistema capitalista —, em problemas agudos, contradições que a burguesia deve tratar de resolver através de uma política cada vez mais violenta e fascistizante. Essa situação se apresentou no Brasil, particularmente nos anos de crise final da década de 1960, frente aos quais foi necessário um novo golpe militar (consumado no dia 13 de dezembro de 1968) que buscasse, pela força das armas, criar as condições para a revitalização e uma nova expansão do capitalismo brasileiro” (BAMBIRRA, 1973a, p. 198).

E não se detinha na análise da feição repressiva igual que paternalista do Estado brasileiro, refletia o impacto da monopolização e centralização do capital sobre a cultura e a ideologia:

“Do ponto de vista social e político, o processo de monopolização, concentração e centralização também se expressa no nível dos mecanismos de controle social em geral e nos instrumentos de formação cultural e opinião pública, como a imprensa, o rádio, a televisão, os jornais. Expressa-se ainda nas ideologias e nos partidos políticos das classes dominantes, que tendem a se agrupar e a superar velhas diferenças não substanciais, de modo que as tendências direitistas propendem a um predomínio cada vez mais forte enquanto as posições liberais e centristas deixam de ter cabimento em um processo que se caracteriza, cada vez mais, pela polarização entre classes dominantes e dominadas” (BAMBIRRA, 1973a, p. 217)

Neste trabalho, em 1973, Bambirra apontava também que o mesmo processo que fez avançar a industrialização com participação do capital estrangeiro como componente capitalizador e descapitalizador das formações dependentes, desenvolve uma redivisão internacional do trabalho no qual o monopólio se concentra em outros setores de ponta das economias centrais, conferindo um novo caráter à dependência. Prosseguir o programa de investigação sobre o caráter da dependência até os dias atuais é parte do programa de pesquisa da Teoria Marxista da Dependência. Este é um procedimento fundamental para captar as tendências sociais que são o objetivo principal da análise concreta da situação concreta.

2. Estratégia e tática para a revolução latino-americana

Se um estudo dedicado a unidade na diversidade latino-americana como foi *el capitalismo dependiente*... era um empreendimento ousado e pré-requisito para poder desenvolver a estratégia e a tática para a revolução socialista no continente, questionar a mistificação em torno à estratégia e a tática que levou a ascensão dos revolucionários cubanos ao poder tampouco era uma tarefa simples. A polêmica de Vânia contra as visões voluntaristas que tentavam reduzir a vitória da Revolução Cubana a ação militar de um pequeno grupo de guerrilheiros, insinuando ser esse um modelo generalizável, foi lançada no artigo *Los errores de la teoría del foco*, publicado pela *Monthley Review*, em 1967. Seu alvo foi o livro de Régis Debrey, *Revolución en la revolución?* Para que se tenha uma ideia da verve polêmica da autora vejamos suas primeiras linhas:

El concepto de subordinación del partido a la fuerza guerrillera, es decir, de lo político a lo militar, que es central en el libro de Régis Debray "Revolución en la revolución?", se basa en la suposición de que "la revolución se forma en la lucha misma", tesis que defiende Fidel Castro. Hasta hoy nadie puede negar que el partido venezolano peleó con las armas en la mano, especialmente durante 1963 y 1964. Ahora, según Fidel, los comunistas venezolanos han abandonado la lucha y seguido el camino del reformismo, y es aquí donde la lógica de la discusión parece desmoronarse: la lucha armada no basta para forjar una conciencia revolucionaria (BAMBIRRA,)

Bambirra, no entanto, não se deteve na polêmica, passou a estudar com base em registros históricos o processo que levou à vitória da revolução em Cuba e publicou, então, *La revolución Cubana: una reinterpretación*. Como marxista já bastante formada depois daqueles anos de militância na Organização Revolucionária Marxista Política Operária - POLOP e dedicada a leitura dos clássicos, entendia que era necessária a comprovação prática da superioridade teórica de uma explicação e não somente o debate pelo debate tão comum entre intelectuais propensos à discussões diletantes. Longe disso, a motivação para enfrentar essa polêmica com rigor científico era justamente a ameaça à vida de toda uma geração de revolucionários que, influenciada por essa distorção teórica que era a teoria do foco revolucionário afastado das massas, entregava sua vida em uma estratégia e tática equivocadas⁴. Eis aí a preocupação em intervir na realidade de forma muito objetiva e com o rigor que a caracterizava.

A visão de Bambirra sobre estratégia e tática foi refinada também por meio de uma visão de conjunto

⁴Apenas a título de registro, Bambirra não alimentava ilusões quanto à disposição da burguesia em reagir violentamente às tentativas emancipatórias dos/as trabalhadores/as e do povo. A contrarrevolução é que enseja a violência revolucionária. Sua posição contra a supremacia do militar sobre o político naquela conjuntura histórica estava fundada na flexibilidade tática e na análise da correlação de forças sociais e fundamentalmente na concepção vanguardista que define a política sem tomar em conta a consciência social das amplas massas.

das diferentes linhas políticas que permeavam o movimento insurrecional latino-americano dos anos 1960. Entre 1968-69, ela organizou *Diez Años de Insurrección en America Latina*, uma coletânea do qual participaram revolucionários de então como Aníbal Quijano (assinou como Silvestre Condoruma), Moisés Moleiro (que estava preso em cárcere venezuelano), Ruy Mauro entre outros, com o objetivo de fazer um balanço da estratégia e da tática desses movimentos. Na apresentação ao livro, Vânia escrutina as estratégias e táticas de cada organização à luz da luta de classes em seu contexto histórico particular.

Analisando esses trabalhos de Vânia é possível afirmar que ela buscou ao longo de sua trajetória praticar aquilo que em *La estrategia y la táctica socialistas de Marx y Engels a Lenin*, trabalho em dois volumes escritos em parceria com Theotônio dos Santos, no qual ela ficou responsável pelo volume 2, dedicado a *La estrategia y la táctica en Lenin*, ela define como síntese do leninismo:

- 1) *Fazer análise concreta de situação concreta (o marxismo não é um dogma, mas um guia para a ação);*
- 2) *Saber combinar a mais estrita fidelidade aos princípios estratégicos com o máximo de flexibilidade tática;*
- 3) *Saber identificar a relação entre revolução democrática e revolução socialista e como uma é superada pela outra, abrindo caminho para uma fase superior da luta de classes;*
- 4) *Dimensionar a importância do partido revolucionário, incluindo seu papel atuando pela elevação do nível de consciência das massas;*
- 5) *Preconizar a utilização e combinação de múltiplas formas de luta.*⁵

Neste livro, a autora apresenta, inicialmente, a luta pelo poder nos ascensos de 1905 e 1917, fixando as condições políticas e materiais do triunfo da revolução de outubro, segundo Lênin. Analisa, ainda processo da luta pelo poder e defesa, consolidação e projeção do poder revolucionário. O estudo da obra completa de Lênin, disposta em ordem cronológica ao longo de 55 tomos, foi acompanhada por uma pesquisa em profundidade da história da Rússia a fim de buscar o real dimensionamento das proposições do líder bolchevique.

Com esse trabalho, publicado em 1981, Vânia dá mais um passo decisivo na aproximação do tema que, na nossa opinião, articula seu labor intelectual: a busca por contribuir para uma teoria da transição ao socialismo, com base no método dos balanços críticos rigorosos que ela experimentara já em seus escritos sobre a Revolução Cubana e os movimentos insurrecionais latino-americanos, à luz da compreensão histórica e suas conjunturas. Foi no mesmo contexto do início dos anos 1980, quando retornava para o Brasil no início da anistia política, depois do segundo exílio mexicano (que havia seguido ao primeiro exílio chileno iniciado com o golpe contra o governo da Unidade Popular

⁵*Síntesis: el leninismo, su estrategia y su táctica.* Em: *La estrategia y la táctica en Lenin*, p. 198-201.

e a morte do Presidente Salvador Allende), que Bambirra escreve *A Teoria Marxista da Transição e a Prática Socialista*, livro que sistematiza seu trabalho doutoral defendido na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e publicado em português pela editora da Universidade de Brasília pouco mais de dez anos depois, em 1992.

3. Teoria da transição e prática socialista

A obra expressa uma abordagem de amplo espectro. No Prefácio, Vânia destaca os esforços de revolucionários em sistematizar Marx e Engels com objetivos práticos e de teóricos buscando discernir a problemática do socialismo. Destaca também duas instituições que empreenderam esforços no mesmo sentido: a Academia de Ciências da URSS e a Academia de Ciências da Tchecoslováquia (em particular, com Radovan Richta). E, fazendo registrar a tarefa a que se dedicava, a autora recorda Bukarin que dizia que o Lênin marxista ainda aguardava seu sistematizador. Neste sentido, Vânia dedicou seis anos concentrados para contribuir com o esforço coletivo de sistematização da obra leniniana para concluir que Lênin “fundamenta em definitivo a teoria da transição socialista”.

Ela sustenta que dois fatores, lado a lado, são fundamentais para a compreensão plena da teoria marxista-leninista da transição ao socialismo. De uma parte, o embasamento teórico marxista ortodoxo, quer dizer, o estrito rigor teórico-metodológico com respeito à obra de Marx e Engels. De outra parte, o processo revolucionário russo, dada ser essa uma experiência indispensável à teoria da transição. *E afirma ser em vão tentar separar a contribuição de Lênin daquela de Marx e Engels no que diz respeito à teoria do socialismo.* E, mesmo com os avanços posteriores (que sejam efetivamente científicos e que expliquem fenômenos novos), a teoria do socialismo não poderá prescindir do legado clássico. O trabalho de Vânia consiste, então, no seguinte:

- 1) interpretar as intuições teóricas sobre o socialismo em Marx e Engels;
- 2) analisar a evolução da teoria do socialismo em Lênin (confirmando ou retificando Marx e Engels na medida em que eles não tiveram condições de verificar, em sua época, um processo de revolução social vitoriosa).

Adicionalmente, como se não bastasse, Bambirra inclui um amplo anexo onde se dedica a revisar as principais interpretações da teoria do socialismo em Ievguêni Preobrajenski, Nicolai Bukharin, Joseph Stálin, León Trotsky, Rosa Luxemburgo, Antônio Gramsci, Palmiro Togliatti e do eurocomunismo em geral.

3.1 As condições materiais para o socialismo em Marx e Engels

Em *elementos fundamentais para a crítica da economia política (Grundrisse, 1857-1858)*, Marx faz referências importantes aos germes das condições materiais do socialismo. Em primeiro lugar, ele chama a atenção para o caráter social da produção capitalista como pressuposto histórico para o novo ordenamento da sociedade. E distingue as contradições que em seu seio geram as condições de sua superação. O caráter coletivo da produção converteria o produto coletivo desde o princípio em um produto coletivo universal. Sobre a base dos valores de troca, o trabalho é colocado como trabalho em geral apenas através do seu aspecto de permuta. Mas sob essa nova base, o trabalho seria colocado como tal anteriormente à permuta. Ou seja, a troca dos produtos deixaria de mediar a participação do indivíduo na produção geral. A própria produção coletiva, como pressuposto, se converte em mediadora da participação do indivíduo na produção geral. O trabalho colocado como trabalho em geral anteriormente à permuta prescinde do valor de troca para se universalizar. Neste caso, a mediação entre o trabalho particular e o trabalho universal se dá pelo pressuposto, quer dizer, pelo caráter universal da produção coletiva. O trabalho do indivíduo é desde o princípio trabalho social; e o produto desde o princípio portador de capacidade intercambiável universal. A participação do indivíduo no universal dos produtos, no consumo, não é mediada pelo intercâmbio de produtos do trabalho ou de trabalhos reciprocamente independentes. Ela é mediada pelas condições sociais da produção dentro das quais age o indivíduo. Este é o fundamento material para advir a possibilidade histórica do socialismo: o caráter coletivo da produção.

Quadro 1. O desenvolvimento das contradições no interior do Modo de Produção Capitalista

O caráter cada vez mais coletivo da produção produz as seguintes tendências	
Divisão Social do Trabalho → Organização social do trabalho	
Troca de valores de troca → Porção que corresponde ao indivíduo no consumo coletivo	
Consumo mediado pela elevação dos produtos a valores de comércio, estabelecidos <i>post festum</i> →	Consumo mediado pelas condições sociais da produção no interior das quais age o indivíduo
O trabalho sob a base do valor de troca pressupõe precisamente que sua forma universal apenas possa ser obtida como <i>dinheiro</i> , distinto do trabalho →	O trabalho sob a base do caráter coletivo da produção adquire forma universal desde o princípio

Fonte: BAMBIRRA, Vânia. Teoria Marxista da Transição e Prática Socialista. Edunb, 1992.

Em segundo lugar, o progresso da ciência e da tecnologia entra em conflito com o sistema de relações burguesas de produção, criando as condições para que “se desprume a produção fundada no valor de troca”, quer dizer, as condições para que na nova sociedade seja superada a lei do valor.

Na medida em que a grande indústria se desenvolve, a criação da riqueza efetiva torna-se menos dependente do tempo de trabalho e do quanto de trabalho empregados do que do poder dos agentes postos em movimento durante o tempo de trabalho, poder esse que por sua vez – sua *powerful effectiveness* (*poderosa eficácia*) – não guarda relação alguma com o tempo de trabalho imediato que custa a sua produção, mas que depende bem mais do estado geral da ciência e do progresso da tecnologia, ou da aplicação dessa ciência à produção. (...) A riqueza efetiva manifesta-se melhor – e isso é revelado pela grande indústria – na enorme desproporção entre o tempo de trabalho empregado e seu produto, bem como na desproporção qualitativa entre o trabalho, reduzido a uma pura abstração, e o poderio do processo de produção vigiado por aquele. (BAMBIRRA *apud* MARX, 1992, p. 25)

Os seres humanos aparecem ao lado do processo de produção, em vez de ser o seu agente principal, diz Marx.

Nessa transformação, o que aparece como pilastra fundamental da produção e da riqueza não é nem o trabalho imediato executado pelo homem, nem o tempo que este trabalha, mas sim a apropriação da sua própria força produtiva geral, sua compreensão da natureza e seu domínio da mesma, graças à sua existência como corpo social: numa palavra, o desenvolvimento do indivíduo social. *O roubo de tempo de trabalho alheio, sobre o qual se funda a riqueza atual*, aparece como uma base miserável em comparação com esse fundamento recém-desenvolvido, criado pela indústria grande mesma. Tão logo como o trabalho em sua forma imediata deixou de ser a grande fonte de riqueza, o tempo de trabalho deixa – e tem que deixar – de ser a sua medida, e portanto o valor de câmbio deixa de ser a medida do valor de uso. O *plustrabalho da massa* deixou de ser condição para o desenvolvimento da riqueza social, assim como o *não-trabalho de uns poucos* deixou de sê-lo para o desenvolvimento dos poderes gerais do intelecto humano. (...) O crescimento das forças produtivas já não pode estar ligado à produção de *surplus labour* alheio, mas a massa trabalhadora deve apropriar-se do seu *plustrabalho*. (BAMBIRRA *apud* MARX, 1992, p. 26)

A autora alerta que a automação por si mesma não é uma condição suficiente, mas sim absolutamente necessária para passar ao comunismo. Por isso, é fundamental compreender as condições políticas materiais sobre as quais se funda a possibilidade histórica do socialismo. Para defini-las, Bambirra recorre ao *Capital*, na passagem em que Marx analisa a relação entre força produtiva e intensidade do trabalho:

Dadas a intensidade e a força produtiva do trabalho, *a parte da jornada social de trabalho necessária para a produção material* será tanto mais curta, e por isso tanto mais longa a parte de tempo dedicada à livre atividade espiritual e social dos indivíduos, quanto mais *equitativamente* seja distribuído o trabalho entre todos os membros úteis da sociedade, e quanto mais se reduzam os setores sociais que se subtraem à necessidade natural do trabalho para lançá-la sobre os ombros dos outros”. (Marx, K. *O Capital*. Livro I, Cap. XV)

Diz Bambirra, fazendo uso da perspectiva negativa da dialética: Marx estabelece uma conexão estreita entre o “desperdício mais desenfreado dos meios sociais de produção e força de trabalho” e a maior extensão da parte da jornada social de trabalho necessária à produção material, com a distribuição desproporcional do trabalho, que necessariamente ocorrerão na sociedade capitalista,

conferindo-lhe uma tensão retrógrada. Assim, a distribuição equitativa do trabalho, e portanto uma parte maior de tempo “dedicada à livre atividade espiritual e social dos indivíduos” somente pode ser o resultado de uma sociedade regida pelo princípio do planejamento social, onde o trabalho possa adquirir um sentido qualitativamente diverso daquele que o orienta sob o regime capitalista. Eis, portanto, em terceiro lugar, a necessidade social histórica de (a) eliminação do desperdício de força produtiva e de meios de produção ao lado da (b) distribuição equitativa do trabalho mediante o planejamento social dois fatores materiais que fundam a possibilidade do socialismo.

3.2 O necessário período de transição (na economia e na política)

Segundo a autora, o período de transição tem como tarefa subordinar os elementos ordenadores da economia e da política do capital ao novo ordenamento socialista. Na esfera da produção, a característica central desse período é a coexistência de dois princípios ordenadores que expressam a sobrevivência de vestígios de capitalismo: mercado x planificação. Trata-se de a lei do valor ser subordinada ao princípio do planejamento até ser extinta.

Assim também o direito à igualdade começa a ser o princípio ordenador das instituições políticas da transição. E, diz Bamberger (p. 32), com base no *Livro I de O Capital*, na medida em que o submete à regulação do poder político proletário, e o transforma de fato em direito universal (...) tende a gerar as condições de superação dos caracteres de desigualdade inerentes ao direito da igualdade, que é ainda ressaibo do capitalismo, e a desenvolver o embrião do direito comunista, que não se correlaciona com a capacidade de trabalho, mas sim com a satisfação das necessidades do homem.

Assim, o princípio “a cada um segundo seu trabalho” é próprio do período de transição, enquanto ainda vige a Lei do Valor. Subordinada a Lei do Valor à planificação e o direito constituído como universal, esse princípio se transforma. Como foi exposto por Marx na *Crítica ao Programa de Gotha*, o *direito igual* continua sendo um direito burguês. A igualdade aqui consiste no fato de ser rigorosamente medida pela mesma pauta: o trabalho. Mas, o trabalho é desigual porque os indivíduos são diferentes em suas capacidades, tanto físicas quanto intelectuais. Não se trata de reconhecer diferenças de classe, porque todos trabalham, mas de não ignorar privilégios naturais, a desigual capacidade de rendimento. Na fase superior da sociedade comunista, quando estiverem suprimidas as divisões entre trabalho intelectual e manual, quando o trabalho não seja apenas meio de vida, mas a primeira necessidade vital, diz Marx “a sociedade poderá escrever em sua bandeira: de cada qual segundo sua capacidade; a cada qual segundo suas necessidades”.

3.3 A sociedade comunista e a nova sociedade e a cultura

Bambirra, lendo Engels, no *Anti-Duhring* (1878), enfatiza o caráter transitório do Estado afirmando, em primeiro lugar, que o Estado não representa os interesses de toda a sociedade. E, em segundo lugar, que o Estado não é abolido, se extingue com a extinção das classes. Engels acredita que o início do período de transição eleva ao máximo as funções do Estado a ponto de identificá-lo com a sociedade, fazendo com que a ela se integre de tal maneira que desapareça como entidade à parte. Essa passagem mereceria uma problematização dialética sobre essa integração Estado-sociedade como parte da estratégia de extinção do Estado. Bambirra pondera que Engels não menciona que todo esse processo é lento e demorado. Valeria acrescentar, com o acúmulo da experiência histórica soviética e cubana indica ser esse processo mais complexo do que aparece na letra dos clássicos. O mais importante, no entanto, é fixar essa ideia principal: na sociedade comunista não existe Estado.

As primeiras intuições de Marx e Engels sobre o comunismo já aparecem na década de 1840. Abaixo, listamos alguns aspectos que serão referidos em obras como *Discursos em Elberfeld* e *Princípios do comunismo*, de Engels (1847), o *Manifesto Comunista* (1848) e em *A origem da família, a propriedade privada e o Estado* (1884), além de *O Capital*:

- ⑩ desaparecimento das classes sociais;
- ⑩ superação das crises típicas da anarquia do sistema de proprietários privados;
- ⑩ regulação dos produtos, ou seja, planificação;
- ⑩ eliminação da anterior divisão do trabalho;
- ⑩ fusão da cidade com o campo.
- ⑩ sistema de educação pública, gratuita, multidisciplinar complexo e diversificado, articulado com o trabalho produtivo e a ginástica. Quer dizer, produção, pesquisa e ensino integrados.
- ⑩ forma superior de família e de relação entre os sexos. Independência econômica da mulher e proteção social dos filhos. Fim da dependência sexual e geracional. Industrialização da economia doméstica e organização planificada do progresso. Amor sexual livre das amarras da propriedade privada. Matrimônio fundado apenas no amor.
- ⑩ Pressupondo o comunismo como sistema mundial. Ausência de exército permanente e redução considerável das instituições administrativas e judiciais.

Sobre o relevante tema da mulher, Bambirra enfatiza:

Por isso as mulheres, as operárias e camponesas em particular, têm um dupla razão para

serem revolucionárias, pois sob o sistema de exploração, além de estarem submetidas à exploração como trabalhadoras, são também exploradas com categoria social mulher; e o marxismo demonstra que somente a nova sociedade conseguirá libertar definitivamente a mulher, através da industrialização da economia doméstica que uma consequência do progresso material, mas sobretudo da organização planificada do progresso. (BAMBIRRA, 1993, p. 62)

O tema da mulher será retomado em três escritos, publicados separadamente, que darão origem a um livro inédito depositado em seus arquivos pessoais: “Questão da mulher luta de ontem, hoje e amanhã”. Neste material está formulada a crítica contundente de Bambirra ao feminismo pequeno-burguês que trata de enfocar o problema da mulher como uma guerra contra os homens, sem fazer qualquer distinção no interior da categoria mulher⁶. Hoje mais do que nunca, um resgate das reflexões de Bambirra que, em seu tempo, denunciou o caráter limitado das conquistas feministas uma vez que a autonomia econômica alcançada pela mulher burocrata e pequena-burguesa foi conquistada graças a manutenção da opressão da mulher trabalhadora, empregada doméstica. O tema segue atualíssimo considerando a tendência de parte do movimento feminista em abstrair o problema das classes, ao que Bambirra apontava a forma como essa luta deveria ser travada:

La lucha por la liberación de la mujer es una lucha política y revolucionaria, que por ser una lucha en contra del sistema capitalista, que mantiene y necesita de la opresión de la mujer, este la inserta en el contexto de la lucha de clases y tiene que ser dirigida por la clase obrera, a través de sus partidos y organizaciones de vanguardia. En este sentido, no se trata tampoco de una lucha de mujeres para, su liberación, sino que de una lucha de todos los explotados para liberar también a las mujeres. Esta es la forma correcta que debe asumir esta lucha y, por tanto ella tiene que ser travada por todos los revolucionarios, hombres y mujeres, aunque inicialmente cabe a estas impulsarla con mayor dinamismo. (BAMBIRRA, 1972, p. 15)

Certamente, esse é um tema relevante no programa de investigação que os intelectuais e militantes devem prosseguir trabalhando no próximo período.

4. A consolidação da teoria do socialismo em Vladimir Ilitch Lênin

A primeira questão relevante que aponta Bambirra a respeito da teoria da transição em Lênin é que seu marco inicial é a irrenunciável tomada do poder pela classe trabalhadora. A América Latina tem pelo menos dois exemplos históricos de como essa questão, se evadida, conleva a equívocos. O primeiro foi o debate da “transição para a transição” que foi travado no Chile da Unidade Popular. Ali, Vânia Bambirra e Ruy Mauro Marini foram certos ao descartar a ideia de uma transição para a transição socialista, primeiro pela impropriedade teórica desta noção, segundo porque efetivamente não havia se consumado a tomada do poder pelos trabalhadores. O segundo caso histórico abarca os

⁶BAMBIRRA, Vânia. A propósito del Año Internacional de la mujer. S/d. Memorial-Arquivo Vânia Bambirra. <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/AnoInternacionaldeLaMujer.pdf>

dias atuais onde se discute a via venezuelana de transição ao socialismo e, novamente, o tema do poder tampouco está resolvido⁷. Pois, em Lênin, a transição só se inaugura com o poder soviético, quer dizer, poder direto dos operários e camponeses, sob a hegemonia dos primeiros.

Esse tema, de suma importância para os marxistas, foi complementado com uma precisão teórica por parte de Marini no prólogo que escreveu ao *La Revolución Cubana, una reinterpretación*, onde afirma:

La etapa democrática de la revolución proletaria no es sino esto: una aguda lucha de clases, mediante la cual la clase obrera incorpora a las amplias masas a la lucha por la destrucción del viejo Estado y entra a constituir sus propios órganos de poder, que se contraponen al poder burgués (a ella se referían Max y Engels en el Mensaje del Comité Central a la Liga de los Comunistas, de 1850, cuando emplearon la expresión “revolución permanente”, a la cual Trotski daría más tarde un sesgo marcadamente economicista). La etapa democrática de la Revolución cubana no es la etapa democrático-burguesa que se ha pretendido erigir en necesidad histórica de la revolución latinoamericana y que se definiría por sus tareas antiimperialistas y antioligárquicas. Ella es mas bien la expresión de una determinada correlación de fuerzas, en la cual el poder burgués subsiste todavía, la clase obrera aún no deslinda totalmente su propio poder para enfrentarlo definitivamente al poder burgués y la constitución de la alianza revolucionaria de clases sigue en su curso, mediante la incorporación en ella de las capas atrasadas del pueblo. Es en este marco que entra a opacarse la ideología pequeñoburguesa en el seno del bloque revolucionario, como el presente estudio demuestra para el caso cubano. (MARINI, 1973. Prólogo, p. 12)

Quer dizer, ainda que haja um acirramento da luta de classes e que se ingresse na etapa democrática, com a incorporação de amplas massas na luta pela emancipação como foi o caso chileno e ainda persiste o venezuelano (nos dias atuais), a transição só se desenlaça enquanto processo efetivo com a resolução do tema do poder. Segundo Bambirra, a dificuldade reside no fato de que o tema do poder se articula com tarefas construtivas de um novo Estado e em saber governá-lo. Esse processo exige o desenvolvimento amplo das capacidades de planejamento social para o atendimento das necessidades das maiorias. Daí o imperativo de elevação da consciência e de preparação do conjunto do povo para erigir a nova sociedade. Como diz Bambirra, “As soluções dos problemas da transição são concretas e não principiais” (BAMBIRRA, p. 88). As atividades construtivas da transição derivam dos problemas concretos enfrentados por cada povo. As respostas são provisórias porque precárias. “É necessário superar suas formas mais embrionárias e recriá-las de maneira superior” (idem, p. 93).

4.1 O Estado e as classes sociais, o problema da burocracia na transição

Lênin preconiza, no caso da transição soviética que se deu sobre a base do modo de produção feudal

⁷Sobre o tema ver FERREIRA, Carla. A situação da classe trabalhadora no processo bolivariano da Venezuela. Contradições e conflitos do capitalismo dependente petrolero rentista (1958-2010). Tese de Doutorado. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/149549>

em transição ao capitalismo, a necessidade de conservação do aparelho técnico do Estado burguês. A experiência histórica de outras tentativas de transição demonstra, no entanto, que a pequena burguesia não proprietária, quer dizer, sua parcela conformada pela burocracia estatal, não abandona seus interesses particularistas tão facilmente, bem como sua ideologia burguesa. O certo era que Lênin compreendia essa conservação da burocracia como superável na medida em que a revolução se internacionalizasse aos países do capitalismo central, coisa que não veio a ocorrer.

Segundo Bamberger, o líder bolchevique considerava a burocracia um mal inevitável e um dos inimigos mais perigosos do socialismo, consequência do atraso cultural da Rússia, uma herança do capitalismo que se recriava e só poderia ser superada com a superação das classes e do Estado, com o comunismo, portanto. “Nesse mar de papéis está se afogando o trabalho vivo”, afirmava Lênin. Superar a burocracia dependia de a maioria do povo administrar sua própria vida social, pois a origem da burocracia reside na divisão do trabalho manual do intelectual. Enquanto isso, esse mal necessário, sob a transição, será enfrentado mediante a participação das maiorias na execução das tarefas estatais, em um processo controlado e hierarquicamente definido sem qualquer tendência anárquica. O controle e inspeção operários são, assim, para Lênin, tarefas transicionais enquanto não se dá a execução direta das funções administrativas pelos próprios produtores. Eis aqui um elemento que nos parece extremamente atual da perspectiva leninista: o papel que a democracia desempenha na luta anti-burocrática.

4.2 O novo tipo de Estado

“A essência do novo tipo de Estado seria encontrada em uma nova democracia que 'coloca em primeiro plano a vanguarda das massas trabalhadoras, faz delas legisladores, executores e responsáveis pela defesa militar”, escreveu Bamberger. Cria ainda uma estrutura que estimula uma nova cultura social, capaz de “reeducar” o conjunto dos/as trabalhadores/as para assumir o destino da ciência, do trabalho e da vida em sociedade. Uma primeira questão relevante no que tange ao novo Estado consiste em não confundir-lo com a 'comuna'. Lênin conclamava que se evitar o desgaste desta palavra, não utilizando-a onde esta entra em contradição com o conteúdo real e prático das associações. O novo Estado da transição ainda não é a comuna. Ele expressa a sobrevivência das classes sociais e a necessidade histórica de que as maiorias trabalhadoras imponham sua vontade sobre a vontade da minoria corrupta e opressora a fim de criar e implementar uma forma superior de organização do trabalho. A democracia socialista está centrada na solução dos problemas das vastas maiorias. A constituição socialista proclama o poder estatal dos trabalhadores e suprime o direito à exploração.

4.3 A economia socialista

Segundo nossa intérprete de Lênin, na transição da etapa de resistência para a construção pacífica do socialismo, a prioridade do governo do Estado não é a política, mas a economia. Quanto ao tema do trabalho, os ricos devem trabalhar como uma forma de torná-los úteis. Essa medida, ao mesmo tempo, auxilia no processo de eliminar as formas de exploração. Quanto à reativação das forças produtivas sociais, um dos problemas é a impossibilidade de prescindir do papel-moeda em pouco tempo. Isso impele o novo Estado a estabelecer o registro e o controle da produção e distribuição dos produtos, regulando o comércio e um sistema nacional que garantam a aquisição mais equitativa possível dos bens e a criação do imposto progressivo sobre as rendas e o patrimônio. Um segundo problema relativo à reativação das forças produtivas consiste na reorientação do comércio exterior, que deve passar ao monopólio estatal. Finalmente, o terceiro problema a ser enfrentado consiste na organização socializada do trabalho, de forma racional e planejada. O reimpulso produtivo tem por objetivo a redução da jornada de trabalho. Daí que Lênin conclui que — contra as tendências esquerdistas que o consideram uma aberração — o Capitalismo de Estado, quer dizer o novo estado da transição dirigido pelos trabalhadores (e não o capitalismo de Estado dirigido pela burguesia) é uma etapa necessária que assegura a transição ao socialismo.

Refletindo sobre a economia na transição, Bambirra vai salientar que essa mudança radical na sociedade supõe o desenvolvimento de uma nova cultura. Nem ciência, nem a tecnologia são neutros, nem os meios de comunicação. Lênin, pensando na imprensa, acentuava que ela deveria abandonar seu caráter anedótico para a informação e educação em questões econômicas, como tarefa imediata, e à educação em geral. No processo de educação social confiava na força do exemplo e apontava o controle operário da produção como “a preparação prévia dos trabalhadores para levar a cabo a gestão da economia”, realisticamente, na forma de passos e não saltos na administração e reestruturação da economia social, mediante a participação popular.

4.4 Internacionalismo e nacionalismo

Lênin entendia que, programaticamente, 'a política exterior do socialismo deveria basear-se no apoio, antes de tudo, ao movimento revolucionário do proletariado nos países avançados'. Bambirra pontua, contudo, que embora desse prioridade à ajuda aos movimentos revolucionários dos países centrais, jamais deixou de incentivar o “apoio ao movimento democrático e revolucionário de todo os países em geral, e nas colônias e países dependentes em particular. Ao que conclui:

No pensamento de Lênin, portanto, encontra-se claramente delineada uma concepção dialética da integração entre as dimensões internacionalista e nacionalista da revolução. Ambos os aspectos para ele não são em princípio antagônicos, mas ao contrário, interdependentes, pois a consolidação do socialismo nacional passa pela solidariedade internacional dos demais povos, da mesma maneira que o triunfo da luta pela libertação dos mesmos supõe não apenas os apoios moral e material, mas sobretudo o exemplo positivo das nações socialistas. (BAMBIRRA, 1992, p. 197)

Segundo ela, “o nacionalismo da nação oprimida é um sentimento de autodefesa ante o opressor, é uma apelação para a a igualdade real, para a justiça nas relações internacionais, um clamor em prol da autodeterminação.” Um elemento central da política de apoio aos processos de libertação colonial consistia na total autonomia dos trabalhadores em relação às burguesias e a ideia de autodeterminação dos povos. Para Lênin, a internacionalização do socialismo deveria admitir a forma federação como transitória em direção a uma unidade completa. Só assim poderiam ser fortes suficientes para enfrentar um mundo de potências imperialistas. Para ela, talvez a política externa da Revolução Cubana, ocorrida mais de 40 anos depois de Lênin haver pensado as orientações para a política internacional do estado socialista, seja a mais significativa experiência viva de simbiose do internacionalismo-nacionalismo assinalados tanto por Marx e Engels como por Lênin. Por isso, conclui assim o seu *Teoria Marxista da Transição e Prática Socialista*:

Todo esse incipiente resultado dos progressos da humanidade promovidos pelo socialismo representa, apesar de todas as suas limitações e dificuldades, uma demonstração cabal da validade e da vigência do pensamento leninista e um argumento definitivo, nos planos teórico e prático, do seu caráter científico. É isso que faz esse pensamento, hoje como ontem, um campo de conhecimento imprescindível para todos quantos realmente desejam compreender o mundo contemporâneo, e sobretudo, ajudar a transformá-lo. (Idem, p. 209)

Bambirra escrevia isso justo no contexto em que já havia ocorrido a queda do Muro de Berlim e a debacle da União Soviética. Ela não seguiu os modismos. Ao contrário, procurou na experiência social acumulada respostas para problemas atuais, buscando apreender suas especificidades históricas para encontrar mediações políticas necessárias. Foi por isso que, mesmo tendo inaugurado sua militância política, em 1961, na POLOP, como uma contundente crítica da ossificação do pensamento de Marx e Lênin pela visão hegemônica na III Internacional, Bambirra jamais deixou de defender a Revolução Soviética e sua tortuosa transição, nem tampouco rompeu com o legado do revolucionário russo. Uma posição sem dúvida pouco afeita a simplismos e encharcada de dialética. Da mesma forma, sua crítica às mistificações emanadas de ideólogos sobre a estratégia e a tática da Revolução Cubana não a confundiram em relação ao processo social que esta significava para a América Latina e o mundo.

Teoria da Transição, um problema exclusivamente prático?

Mas por que perseguir uma teoria da transição? Os balanços históricos que permeiam a obra de Bambirra tinham por objetivo central impulsionar a prática revolucionária da mudança social estrutural. Mas uma teoria da transição não terminará por ser feita apenas quando tivermos êxito nesta empreitada? Sim. Porém, a praxis criadora não se faz sob o vazio, é uma construção social no tempo. Inspira-se na experiência dos erros e acertos das revoluções passadas. Vânia deixou como legado um esforço monumental de síntese de duas experiências revolucionárias fundamentais para pensar a possibilidade de um outro mundo socialista possível.

Se fosse apenas para nos recordar da utopia de uma sociedade que distribua a riqueza socialmente produzida de forma a satisfazer as necessidades sociais do corpo e da alma, supere a alienação e crie as condições para a ultrapassar os preconceitos e opressões de toda espécie, abrindo um novo horizonte para o exercício das melhor potencialidades humanas em sua relação com a natureza, os demais seres vivos e o planeta, já teria valido a pena o legado de Vânia Bambirra.

Porém, seu exemplo de intransigente respeito aos princípios socialistas é daqueles que arrasta. Por isso, novas gerações de revolucionários se debruçam sobre sua obra com o mesmo olhar crítico que ela recomendaria. Cabe sopesar as sínteses que nos legou Bambirra à luz das profundas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais em curso na atualidade a fim de dar prosseguimento a seu programa de investigação. E isso só faz sentido se esse labor for partícipe do cotidiano das lutas emancipatórias da humanidade.

Bibliografia

BAMBIRRA, Vânia. Los errores de la teoría del foco. [Monthly Review. Selecciones em castellano, n. 45, diciembre de 1967]. Editorial Nuestro Tiempo, 1970.

_____. Liberación de la mujer y lucha de clases. Revista Punto Final, n. 151. Santiago de Chile, febrero de 1972.

_____. O capitalismo dependente latino-americano. [Editorial Siglo XXI. México, 1974]. Insular/IELA. Florianópolis, 2012.

_____. La revolución cubana, una reinterpretación. Editorial Prensa Latinoamericana. [Santiago de Chile, 1973], México, 1974.

_____. A proposito del Año Internacional de la mujer. Archivo Vânia Bambirra, s/d. <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp->

content/uploads/2016/01/Liberaci%C3%B3ndelaMujer-2.pdf

BAMBIRRA, Vânia e DOS SANTOS, Theotônio. La estrategia y la táctica socialistas de Marx y Engels a Lenin. Tomo 2. Ediciones Era. México, 1981.

BAMBIRRA, Vânia. A teoria marxista da transição e a prática socialista. Editora Universidade de Brasília – Edunb. Brasília, 1993.

MARINI, Ruy Mauro. Prólogo. (Em: La Revolución Cubana, una reinterpretación. Editorial Prensa Latinoamericana. México, 1974.